

DILEMAS SENTIMENTAIS E IDENTIDADE  
HOMOERÓTICA:  
UMA LEITURA DE *FREDERICO PACIÊNCIA* DE  
MÁRIO DE ANDRADE.

**Peterson José de Oliveira**

Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia.  
e-mail: peterol@bol.com.br

OLIVEIRA, Peterson José. Dilemas sentimentais e identidade homoerótica: uma leitura de Frederico Paciência de Mário de Andrade. *albuquerque* – revista de história. vol. 7, n. 14. jul.-dez./2015, p. 6-27.

**Resumo:** A trajetória vitoriosa de Mário de Andrade pelas letras e cultura nacionais não evitou o grande silêncio que envolveu sua própria sexualidade até bem pouco tempo. Talvez, por isso mesmo, a leitura que propomos de seu conto *Frederico Paciência* dê o devido lugar aos conflitos vividos pelo autor - transfigurados, evidentemente, na figura do narrador. Mesmo sabendo que o narrador não é Mário, acreditamos que, por meio dessa narrativa, ele tenha refletido sobre os impasses de seu desejo homoerótico, vivido como um conflito excruciante, pois acreditam ter de escolher entre a pretensa nobreza da amizade ou o desejo homoerótico condenado socialmente.

**Palavras-chave:** Homoerotismo, identidade, Modernismo.

**Abstract:** Mário de Andrade's victorious trajectory of national letters and culture did not avoid the great silence that had surrounded his own sexuality until very recently. Perhaps for this very reason, the reading that we propose of his short-story *Frederico Paciência* gives due place to the conflicts experienced by the author - transfigured, evidently, in the figure of the narrator. Even though we know that the narrator is not Mário, we believe that through this narrative he has reflected on the impasses of his homoerotic desire, lived as an excruciating conflict, since they believe they have to choose between the pretended nobility of friendship or the condemned homoerotic desire socially.

**Key-words:** Homoeroticism, identity, Modernism.

## Desejo silenciado



o conto *Frederico Paciência*<sup>1</sup>, de Mário de Andrade, teve uma trajetória bastante longa de reelaborações. Foram dezoito anos até ganhar sua forma definitiva; tendo sido escrito e reescrito de 1924, data da primeira versão até a última, em 1942, três anos antes da morte do autor. Tal fato poderia apenas ser uma curiosidade entre tantas, de interesse apenas para estudiosos do processo criativo do grande escritor modernista, críticos ou historiadores da literatura brasileira. Entretanto. Pensamos que isso tem uma motivação velada: o fato de o enredo focalizar uma complicada e conflituosa relação afetiva entre dois adolescentes, Frederico e Juca, uma amizade que se transforma num sentimento homoafetivo.

O enredo homoerótico era, em nossa opinião, o elemento mais sensível de se abordar – por conta dos próprios conflitos de Mário a respeito de sua sexualidade – e por isso o autor demorou tanto tempo em promover uma versão definitiva do assunto. Já faz algum tempo que a sexualidade de Mário de Andrade deixou de ser um tema delicado ou tabu entre os meios de comunicação de massa<sup>2</sup>. Antes, suas inclinações homoeróticas eram de conhecimento praticamente exclusivo do seletivo grupo que estuda sua vida. O material biográfico mais conhecido, veiculava apenas fatos que contribuíam para a criação desse ícone da cultura modernista: seu amor pela cultura brasileira, sua atuação como literato vanguardista e organizador da Semana de Arte Moderna; sua carreira como musicólogo da música popular, que andou pelo Norte e Nordeste a gravar os ritmos folclóricos, e como o paulistano apaixonado pela frenética capital, o romancista e poeta experimental, figura que dialogava com os grandes da época e que teve cargos

---

<sup>1</sup> ANDRADE, Mário de. *Contos Novos*. Coleção Ler é aprender. São Paulo: Klick, 1997. Com textos críticos de Frederico Barbosa. Todas as citações do conto são dessa edição, razão pela qual apenas informaremos o número da página quando ocorrerem.

<sup>2</sup> O texto mais recente que traz tal assunto à baila, sem se referir exclusivamente a ele, é o artigo de José Miguel Wisnik, professor de teoria literária da USP, que na revista de circulação nacional *Piauí*, (número, ano) fala disso.

políticos durante o Estado Novo de Vargas. Tudo isso serviu para a silenciosa blindagem feita em torno da vida sentimental ou erótica do escritor, que passava por solteiro católico (Mário sempre foi muito religioso, era até Congregado Mariano). Em contraposição ao hedonismo e liberalidade erótica de seu amigo Oswald de Andrade, cujos casos e casamentos e opiniões críticas em relação à sexualidade burguesa nunca foram segredo para ninguém e estão cantados em prosa em verso, afinal, contribuem positivamente para a criação de outro mito, a do artista liberado homossexual.

Porém, a barreira de silêncio em torno da vida afetiva de Mário aos poucos vem cedendo espaço a reportagens, debates ou artigos que extrapolam o campo acadêmico e abordam abertamente o fato de que o escritor teve ou tinha relações ou inclinações homoeróticas. É verdade que as conquistas de direitos dos grupos LGBTs e a publicidade que o tema *gênero* vem ganhando na sociedade brasileira há uns quinze para cá, contribuiu para a veiculação dessas informações. Assim, um perfil mais completo desse grande artista brasileiro vem se delineando, sem o suspeito silêncio que envolvia uma área de sua vida; silêncio ainda mais estranho se pensarmos que a obra em prosa de Mário sempre foi muito aberta no enfrentamento de temas como a sexualidade burguesa, o desejo e o sexo.

A demora em encontrar uma versão definitiva para *Frederico Paciência*, o único conto homoerótico do autor, sugere que os conflitos vividos por Mário em relação ao próprio desejo estejam relacionados à demora em dar um ponto final para tal narrativa. Afinal, narrativas muito mais complexas em termos formais como *Macunaíma*, uma rapsódia literária do folclore brasileiro, ou *Amar verbo intransitivo*, romance que abordava a iniciação sexual de rapazes burgueses, foram elaboradas em pouquíssimo tempo. *Macunaíma*, apesar da longa pesquisa etnográfica de Mário, foi elaborada em semanas e *Amar verbo intransitivo*, em meses.

Não queremos limitar o interesse que o conto *Frederico Paciência* ainda tem como obra-prima do conto brasileiro às reverberações autobiográficas que possui. Para nós, entretanto, seria impensável abordar um conto cujos protagonistas vivem um imenso conflito em relação à natureza do sentimento nutrido um pelo outro sem mencionar que o autor do texto viveu na pele o desafio de sustentar o desejo homoerótico numa sociedade machista e patriarcal como a brasileira. Certamente, Mário sofreu muito em ter de manter uma postura assexuada pública, já que era praticamente um ícone cultural paulista e depois brasileiro, além de uma formação religiosa que fazia tal desejo mais incompatível com sua persona pública. Por isso, mesmo que nosso artigo não aborde os dilemas e traumas de Mário de Andrade, não podemos compactuar com a ideia segundo

a qual, o sofrimento do artista não importa para quem lê. O sofrimento que sustentar tal desejo implicava não pode ser mais silenciado. Afinal, se não explica tudo no artista, o desejo homoerótico não foi, como não é para ninguém que o possuía, apenas um ‘detalhe’ dispensável; e o silêncio imposto ou sugerido em torno disso é uma forma tão violenta de homofobia quanto qualquer outra.

## Nossa trajetória de leitura

*Frederico Paciência* não é um conto em que o desejo homoerótico esteja velado<sup>3</sup>. Ainda assim, a natureza conflituosa dos sentimentos envolvidos (a questão da amizade também se coloca) e, principalmente, a idade do narrador à época em que teve tais experiências, torna a narrativa da relação um tanto quanto tortuosa. O narrador procura mostrar a transformação do sentimento de amizade em outra coisa, o que se dá ao longo de três anos. Além disso, não é irrelevante o fato de estarmos lidando com adolescentes experimentando pela primeira vez, ao que tudo indica, afetos de tal natureza.

Desse modo, não é nosso interesse em mostrar se havia desejo homoerótico entre eles – algo evidente numa leitura superficial – mas **como** e **por quê** tal relação homoerótica encontrou um impasse de se realizar. Para tanto, nos apoiaremos basicamente nas noções de identidade homossexual, problematizada em estudos de Jurandir Freire Costa<sup>4</sup>, além das discussões feitas por esse pesquisador a respeito dos impasses do amor romântico. Nesse sentido, já adiantando um pouco os argumentos, estamos convencidos de que o resultado malfadado dessa relação homoerótica vai muito além das pressões sociais envolvidas nisso: em outras palavras, mais do que ceder ao preconceito contra o desejo homoerótico da sociedade brasileira do início do século XX, o narrador faz um relato **velado** de como assumir uma paixão homoerótica era apavorante porque implicava – e para muitos até hoje implica – em assumir uma identidade homossexual. Ele não chega a perceber ou tematizar abertamente isso, mas cremos que tal fato é fundamental para entendermos o desfecho do conto. Outro componente complicador desse romance abortado é o conflito do amor-paixão

<sup>3</sup> Mesmo que não seja imprescindível à apreciação e ao entendimento da narrativa, gostaríamos de alertar ao leitor de nosso artigo que iremos adiantar informações sobre o desfecho da narrativa. Assim, se o leitor desconhece e quer ler o conto, preservando a expectativa e o mistério do que acontece com os protagonistas, sugiro que leia o conto antes de nossa análise.

<sup>4</sup> COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudo sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1992.

COSTA, Jurandir Freire. *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escuta, 1995.

romântico, erotizado e físico, com a amizade, um sentimento que exigia idealização e sublimação do componente físico, de onde o sentimento brota. Tal conflito não é exclusivo de pessoas com orientação homoerótica, tem a ver com os impasses da própria subjetividade moderna em relação ao amor. Jurandir Freire Costa<sup>5</sup> mostra que os impasses sentimentais envolvendo o amor-paixão românticos foram construídos historicamente no Ocidente.

Queremos ressaltar que não menosprezamos o peso das opiniões sociais a respeito das relações homoeróticas. O romance entre os dois adolescentes não vingou também por isso, mas a nossa opinião é de que, ao analisarmos detidamente o perfil do narrador e os fatos mencionados, isso não foi o mais fundamental, ou pelo menos não torna a constituição da subjetividade do narrador um elemento sem importância nas decisões a respeito do caminho que ele e Frederico seguiram. Trata-se de não simplificar a vida afetiva desses personagens, de não embarcarmos num vitimismo dos homens com inclinações homoeróticas; como se, diante da repressão e preconceito, estes não possuíssem recursos para construir um espaço e um momento privados em que tais afetos pudessem florescer. Como diria Foucault, o fato de haver poderes microcapilarizados, que tentam controlar corpos e desejos, constituir sujeitos, não implica que não haja ou não possa haver resistência por parte dos sujeitos.

## A amizade e seus dilemas

O conto é narrado em primeira pessoa pelo adolescente Juca, que relembra seus tempos de ginásio. Em clima sugestivo abre o primeiro parágrafo: “Frederico Paciência... Foi no ginásio... Éramos de idade parecida, ele um pouco mais velho que eu, quatorze anos.” (p. 96). As reticências abrem espaço para elucubrações e leituras múltiplas, mas o que fica é o peso sentimental da pontuação. Sem demora, já somos informados pelo narrador sobre sua admiração pelo físico do colega:

Frederico Paciência era aquela solaridade escandalosa. Traduzia nos olhos grandes bem pretos, na boca larga, na musculatura quadrada da peitania, em principal nas mãos enormes, uma franqueza, uma saúde, uma ausência rija de segundas intenções. E, aquela cabelacha pesada, quase azul, numa desordem crespa. Filho de português e de carioca.

---

<sup>5</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Não era beleza, era vitória. Ficava impossível a gente não querer bem ele, não concordar com o que o que ele falava. (p. 96)

Do trecho acima destacamos dois elementos: primeiro, a admiração pelo físico do colega, em si mesma, não tem ainda nada de explicitamente homoerótico, mas a menção à ausência de segundas intenções do Frederico, coloca-nos diante do modo como o narrador vê a si mesmo, numa espécie de espelho invertido de si, na imagem já perturbada de que as segundas intenções pertencem ou fazem parte do universo das relações humanas, em especial ao modo como o narrador entra nessa relação. A beleza de Frederico, figurada em vitória, leva-nos a perguntar: vitória sobre quem o sobre o quê? Sobre as segundas intenções, provavelmente, ou um modo de ser em que a virilidade não tinha jaça de insegurança, porque ainda calcada numa relação sem problema com a própria imagem. Na visão do narrador, mesmo bonito e másculo, Frederico aparentemente não dava atenção ou usava isso a seu favor, como arma de sedução ou intimidação.

O narrador sente ‘simpatia deslumbrada’ pelo colega e se aproxima de modo franco deste, e num primeiro momento seu afeto é admiração idealizada - diríamos *platônica* mesmo -pelo amigo. Diz que se tratava “dessa espécie de saudade do bem, de aspiração ao nobre, ao correto, que sempre fez com que eu me adornasse de bem pelas pessoas com quem vivo.” (p.96) Ao modo de Diotima e Sócrates, personagens do discurso platônico sobre o amor, O Banquete, o sentimento é alimento pela lembrança do bem, da pureza, da reminiscência dos valores ideais nas pessoas que amamos. Amor pelo que é eterno, puro. *Eros*, o amor erótico, é apenas um elemento dos modos de afeto e tem o prazer nas aparências, naquilo que é imperfeito, impermanente, impuro. O amor para Sócrates e Diotima busca a Beleza e o supremo Bem. *Eros* deveria ceder espaço à *philia*, palavra grega para amizade era um estágio na purificação do sentimento que busca o Ideal.

Na opinião de Jurandir Freire Costa, na origem sobre a constituição do que historicamente veio a se tornar o amor romântico no ocidente, *O banquete* platônico traz algumas concepções ainda vivas nosso imaginário, misturadas a doses de amor cortês, inventado na Idade Média e reelaborado no Romantismo europeu:

Em suma, nos discursos citados de *O banquete*, o amor é apresentado como um impulso que se dirige a um outro, homem ou mulher, do mesmo sexo ou do sexo oposto – na acepção que damos atualmente à ideia de “diferença sexual”(ver Costa 1995) – como um contraposto

afetivo feito de desejo; de falta do objeto do desejo; de nostalgia do objeto ideal perdido; de sofrimento decorrente da perda ou da ausência deste objeto; de alegria intensa, quando o objeto é possuído etc. revista desse ângulo, a erótica platônica, de fato, mostra semelhanças com a ideia de amor romântico atual.<sup>6</sup>

Das diversas concepções de amor que os personagens do banquete expressam, a visão de Diótima e Sócrates compõe uma parte importante dos componentes do amor romântico ainda presentes no nosso imaginário, em especial no impasse que criam entre esse tipo sentimento e a realização física, porque impõe uma hierarquia do amor: o verdadeiro amor é puro e não morre, daí que a amizade e o amor aos pais e a Deus não podem ser comparados a formas que dependam da beleza física ou da atração sexual para se realizarem. Juca, o adolescente narrador de *Frederico Paciência*, no entanto, não diz possuir o caráter puro do amigo. Descreve-se como fraco, caso perdido pela família: “eu era do tipo fraco. Feio, minha coragem não tinha a menos espontaneidade tendência altiva para os vícios, preguiça” (p. 96) Por isso, quis inicialmente ser Frederico e mais ainda, ser dele, se ‘confundir naquele esplendor’. Para completar sua imagem de anti-Frederico, nos relata um caso em que é pego colando numa prova, mas nega clamorosamente o fato, o que faz o pai ir ao colégio de padres para tirar satisfações. O pai termina por passar uma vergonha ainda maior, quando o filho é desmascarado pelo professor. O narrador parece ter um prazer perverso em desiludir completamente o pai: acha esplêndido quando o pai, humilhado, reluta em pagar a passagem de bonde para ele.

Assim, a amizade de Frederico é vista como uma ‘salvação’; algo irônico, tendo em vista o desenvolvimento homoerótico de tal sentimento. O primeiro elemento de autoconsciência do narrador a respeito dos sentimentos que nutre pelo colega, advém quando, ao perceber que Frederico aceitou sua amizade do mesmo modo como aceitava a de todos os outros. Juca não se conforma em ser mais um, e confessa a Frederico que este era o único amigo que possuía. Aí o ciúme de outros colegas se apresenta como desejo de ser o único amigo de Frederico, um desejo de exclusividade que historicamente associamos ao amor romântico. O narrador ainda não percebe essa primeira inflexão homoerótica de seu sentido puro de amizade. Frederico confessa intimidades familiares ao narrador, como o fato de os pais só terem se casado há dois anos, isto é, Frederico era até então, filho de uma união ilegítima e desejos nascentes:

---

<sup>6</sup> Idem, *ibidem*, p. 36-37.



O pior é que Frederico Paciência depusera tal confiança em mim, me fazia tais confissões sobre instintos nascentes que me obrigava a uma elevação constante do pensamento. Uns dias quase o odiei. Me bateu clara a intenção de acabar com aquela “infância”. Mas tudo estava tão bom. (p. 98)

Essa passagem ilumina a dimensão já conflituosa e problemática da pureza autoproclamada dessa amizade. Se Frederico confessa ‘instintos nascentes’, acreditamos que fazia alusões a desejos sexuais; e isso desagradava Juca porque o retira da fantasia de que tal amizade era só pura. E por isso, era obrigado a elevar constantemente o pensamento. ‘*Obrigado*’ denota que não era nele uma atitude espontânea – como ele próprio afirma, a espontaneidade moral não era uma característica sua– e a elevar, sugerindo que seu pensamento tendia a ‘baixezas’. Enfim, a infância que o narrador tem ganas de terminar era de Frederico, não a própria. Poucos dias após a ‘declaração de amizade’ (observe como a ideia de declarar-se ao outro isso margeia perigosamente o campo do amor romântico), Frederico já fazia planos para os dois: estudarem e morarem juntos. O narrador, já pressentindo o perigo, diz que teriam de se separar, pois Frederico iria estudar medicina no Rio e o narrador queria ser pintor. O que preocupava muito Frederico, mas para o narrador era um alívio, “em mim, fiz mas foi calcular depressa quantos anos faltavam para me livrar do meu amigo” (p. 99). Mesmo assim, Juca, ‘entra no jogo’ ou no *romance*, como gosta de definir aqueles planos de amizade eterna. Sabe que mente, que não quer no fundo da alma tal fusão, talvez por pressentir em si o que tal relação acabaria por se tornar. E, no entanto, mente para o amigo; no início, constrangido por assumir um arrebatamento que é falso, mas no fim, mente com um prazer perverso em ver o amigo acreditar em tudo.

Dois fatos posteriores irão transformar a relação entre os protagonistas a tal ponto que a ‘pureza’ daquela amizade já não possa mais ser sustentada tranquilamente. O primeiro é o que ocorre quando Frederico flagra Juca lendo um livro, *História da Prostituição na Antiguidade*. De início, o narrador fica constrangido, mas logo vê nisso uma oportunidade de acabar com o que ele chama ‘com aquela amizade besta’. Porque estar junto de Frederico requeria um esforço grande do narrador em se ‘elevar’ o tempo todo. Então o livro era uma forma de se mostrar ao amigo que não era mais criança e que já não era puro. Frederico pede que o narrador tenha cuidado, que não leia tais coisas, mas termina por pedir o livro emprestado ao narrador. Isso provoca em Juca emoções contraditórias: “Frederico ainda riu pra mim, não pude rir. Sentia um cansaço. E puro. E impuro.” (p. 101)

Nesse trecho o narrador já deixa claro que a amizade já não pode continuar do mesmo modo, pois Frederico desce do pedestal e já demonstra desejo sexual que era visto por ele, narrador, como perversidade. Daí, a alternância entre o sentimento de pureza e impureza. Na frase final, que será repetida mais adiante. Mas na noite do dia em que empresta o livro, Juca mal cabe em si, com a alma dilacerada por sentimentos e ideias contraditórias:

Passei a noite de beira-rio. Nessa noite é que todas essas ideias de exceção, instintos espantados, desejos curiosos, perigos desumanos me picavam como um dureza tão dura que varriam qualquer gosto. Então eu quis morrer. Se Frederico Paciência largasse de mim... Se se aproximasse mais...Eu quis morrer. Foi bom entregar o livro, fui sincero, pelo menos assim ele fica me conhecendo mais. Fiz mal, posso fazer mal a ele. Ah que faça! Ele não pode continuar aquela “infância”. Queria dormir, me debatia. Quis morrer. (p. 101)

Juca não pode mais esconder de si que aquela amizade se aproxima dos *instintos*, usando uma expressão sua, e que o partilhar um livro sobre sexo os tornava íntimos nesse mesmo nível, estabelecendo uma proximidade perigosa, porque já não podiam esconder um do outro a explosão dos desejos sexuais. Se tais ‘instintos espantados ou desejos curiosos’ eram por mulheres ou por homens, o narrador não diz, mas deixa subentendido que sua amizade arrastaria Frederico para a maldade que ele via em si. A hipótese que defendemos é que, por meio dessas expressões ambíguas, o narrador já deixa entrever que não era tanto o medo de Frederico descobrir o sexo com prostitutas, pois o próprio Juca irá frequentar a “Rose” e detalhar suas aventuras eróticas para Frederico (não diz que Rose fosse prostituta, mas também não fala que é namorada ou que a ama, é uma relação sexual que possui com ela, à época, difícil de imaginar com uma mulher que não fosse prostituta). Então, por que tantos pudores em ver o amigo ler um livro sobre prostitutas? Por que não estabelecer com ele uma cumplicidade de *boudoir* como os rapazes tinham à época? Certamente, por não ser só isso.

Um segundo episódio foi definitivo para conduzir a amizade a um ponto de onde os dois não podiam mais desconhecer ou fingir desconhecer o caráter homoerótico da relação. Segundo o Juca, devido ao fato de aquela amizade ser tão íntima, não demorou para surgirem ‘bocas de serpente’ diante de amizade ‘tão agressiva’ como ele a define. Quando a indireta do gracejo não deixou dúvidas, o colega foi agarrado por Frederico Paciência pelo ‘gasnete’ (pelo pescoço) e por pouco não morreu enforcado. Frederico ficou lívido e só libertou o pobre, que ficou desmaiado, quando foi apartado por um bedel atlético. Era como se estivesse em transe, não foram suficientes apelos ou pancadas

de outros colegas. Frederico só dizia: ‘ele me ofendeu! Ele me ofendeu!’. Os padres, ao saberem o motivo da agressão, optaram por um castigo mais brando que o da expulsão, dando a Frederico apenas uma suspensão. Dois dias depois, o caluniador” voltou a escola. Então Juca resolveu também ‘limpar a honra’, chamando o outro para briga. Mesmo sem a valentia e coragem de Frederico, Juca resolveu brigar com o garoto, que tentou dissuadi-lo, ameaçando com um suposto canivete. Não adiantou. Depois da aula, numa várzea, o narrador demonstrou coragem e fúria, e conseguiu esmurrar bastante o outro, mesmo que este pedisse desculpas. No meio da briga, entretanto, ao ver o adversário sofrendo, Juca sentiu uma repugnância que o fez empurrar o outro e terminar a briga. Essa reação já sugere que a sua indignação tinha algo de forçado, de artificial. A sensação de ter vencido a briga, foi mais que de glória ou vanglória foi “um equilíbrio raro – esse raríssimo de quando a gente age como homem-feito, quando se é rapaz. E puro. E impuro.” (p. 104) Note o leitor que tal equilíbrio, ainda que raro, não deixa de ter ambiguidade, de ser permeado por um conflito psíquico que deixa em dúvida a pureza de tal impulso de vingar a honra de Frederico. O curioso é que o narrador fica feliz de vingar Frederico, não a própria honra.

Quando conta a Frederico, este não aprova nem desaprova, apenas uma tristeza os envolveu, ‘a tristeza mais feliz de minha vida’, nas palavras do narrador. Uma tristeza misturada a uma sensualidade: ‘como estava era bom, era quase sensual, a gente assim passeando os dois, tão tristes...’ (p. 104) Evidentemente, tal tristeza dizia respeito ao fato de que, dali em diante, eles não poderiam mais fingir que a amizade não tivesse nada além de um companheirismo insuspeito. Surgiu desse episódio e do livro entre os dois uma estranha frieza, um ‘quebrar de esperanças insabidas, uma desilusão, uma espécie amarga de desistência’ (p. 104). Então, como se fosse uma provocação, surge entre os dois uma intimidade física muito maior. Tal provocação, segundo o narrador, era mais entre eles do que diante do mundo: “pelo contrário, como que basofientos, mais diante de nós mesmos que diante do mundo, nasceu de tudo isso o nos aproximarmos fisicamente um do outro, mais do que antes” (p. 105). Fica claro que tentavam com isso provar a si mesmos a pureza da relação, já que, diante dos outros, ela já tinha sido defendida *comme il faut*, com a violência que era esperada de homens viris. Tinham conseguido um álibi social, um livre conduto para ostentarem uma intimidade que não iria mais ser posta em dúvida.

Intimamente, todavia, o caso era mais complicado. Com as declarações de amizade eterna tentavam ‘nos provar que daí não podia nos vier nenhum mal, e principalmente nenhuma realização condenada pelo mundo. Condenação que

aprovávamos com assanhamento’(p. 105). Uma leitura mais apressada poderia indicar que a sociedade tinha sido eficiente em inculcar nos dois o ódio ao desejo homoerótico e os tornou imunes aos seus perigos. Aconteceu justamente o contrário: logo após isso, com a proximidade física atijando continuamente essa realização não assumida, um dia ocorre um fato que mostra o quanto essa ostentação verbal ou violenta de uma masculinidade sem vício ou de uma amizade sem segundas intenções, era apenas uma barreira frágil contra a violência muito maior do desejo. O fato foi que, no meio de uma discussão rancorosa sobre se Napoleão era ou não um gênio, o narrador dá um beijo no nariz de Frederico:

-Besta! Besta é você! Dei o beijo, nem sei! Parecíamos estar afastados léguas um do outro nos odiando. Frederico Paciência recuou, derrubando a cadeira. O barulho facilitou nosso fragor interno, ele avançou, me abraçou com ansiedade, me beijou com amargura, me beijou na cara em cheio dolorosamente. Mas logo nos assustou a sensação de condenados que explodiu, nos separamos conscientes. Nos olhamos no olho e saiu o riso que nos acalmou. Estávamos nos amando de amigo outra vez; estávamos nos desejando, exaltantes no ardor, mas decididos, fortíssimos, sadios.

- Precisamos tomar mais cuidado.

Quem falou isso? Não sei se fui eu se foi ele, escuto a frase que jorrou de nós. Jamais fui tão grande na vida. (p. 105)

A partir daí, as discussões tornaram-se mais frequentes. Ao perceberem, porém, que o ardor os consumia, desarmavam rindo o perigo de se atracarem um ao outro novamente. A condenação do mundo, que admitiam não os impediu de ainda continuarem amigos; mas tal *amizade* tornou-se um simulacro de amizade, uma tentativa desesperada de se convencerem de que era possível manter tal relação nesses termos. Quando se aproximavam da formatura, encontraram um pretexto para se verem menos, já que se preparavam para os exames finais. Na aparência, nunca se entenderam tão bem, mas o distanciamento a pretexto de estudos só deixava claro aos dois que ao desejarem o afastamento admitiam para si a impossibilidade de estarem juntos apenas como amigos. Nessa época, o narrador diz que surge a Rose no horizonte, e a vida sexual se impusera entre os seus hábitos. Mas “Frederico Paciência parecia não sentir o mesmo orgulho de demonstração e nem sempre queria me acompanha.” (p. 106) Acompanhar para onde, senão para um bordel, pois ninguém chama o amigo para acompanhar a casa da namorada.

A partir daí o narrador abordará a desagregação da amizade dos dois. No começo uma ‘sutil desagregação’: atributo do caráter volátil da juventude ou efeito de uma falta de curiosidade pelo outro, travestida de adoração eterna. Mas no fundo, era um recurso que falseava – e mal – o que sentiam: “De maneira que adquiríamos uma convicção falsa de que estávamos nos afastando um do outro, por incapacidade, ou melhor: por medo de nos analisarmos em nossa desagregação verdadeira, entenda quem quiser” (p. 107). Essa passagem é muito importante para nossa argumentação; nela encontramos o fato de que a escolha pelo afastamento não escondia a consciência do risco que sentiam estarem próximos. Se a chamada *desagregação* era inicialmente era um afastamento que vinha das circunstâncias da vida e, portanto, externo a vontade de Juca, nesse trecho ele fala de uma recusa em ‘analisar’ a desagregação interna. O que estaria desmoronando dentro deles, senão a imagem de si como ‘puros amigos’ ou melhor a imagem deles como homens viris. Surge não mencionado – ou melhor, dita nas entrelinhas de um curioso ‘entenda quem quiser’ – a recusa em lidar com os próprios sentimentos. De tal modo que fica difícil justificar o fato de os dois não levarem adiante tal afeto só por conta da pressão social ou de uma homofobia internalizada. Da parte do narrador principalmente, já que ele deixou claro que pouco se importava com as opiniões do pai (pelo menos na aparência) e que nunca teve de si uma autoimagem muito elogiosa. Realizar aquela relação exigia uma coragem de que não dispunham os dois, uma coragem para enfrentar, mesmo que na privacidade, o próprio desejo. E aí, não acreditamos que isso deva-se ao fato de o desejo que tinham de assumir ser homoerótico. A audácia de assumir uma relação não referendada socialmente é exigida até mesmo de casais heterossexuais, por assim dizer, que muitas vezes tiveram de enfrentar a preconceito de classe, credo ou etnia, para fazer valer seu desejo. Mesmo mulheres, oprimidas pelo patriarcalismo, encontraram formas de oposição a isso, buscando espaços de autonomia cada vez maior. Nada lhes foi dado, tudo foi conquistado a um custo de muita lágrima e insegurança dos resultados das lutas por emancipação social e sexual.

Talvez tenhamos o hábito de justificar apressadamente as atitudes dos protagonistas ao trazer os enfrentamentos da época, as pressões sociais etc., pois só há pouco tempo os homens e mulheres, cujos desejos não se inscreviam na lógica da família burguesa, podem expressar de modo mais livre seu afeto. E isso apenas em alguns países ocidentais. Por isso, acreditamos que a aventura de Frederico não foi adiante por conta de um ingrediente que se acrescenta ao preconceito social, internalizado ou não: o fato de que, se tivessem atravessado a fronteira imaginária que separava a amizade do amor romântico, pensariam que estariam atravessando de uma vez por todas e teriam de assumir uma ‘identidade’ homossexual. Não era o fato de apenas amarem-se o que estava

em jogo, mas no que se ‘tornariam’ se acaso realizassem fisicamente tal afeto. A palavra ‘condenação’, usada pelo narrador, com as conotações jurídico-religiosas que contém mostra que não era apenas amar alguém, mas ter de assumir uma nova identidade ao realizar tal amor. A ‘identidade homossexual’ foi o fato terrível não explicitado ali. Porque não sentiam outra coisa um pelo outro, senão uma paixão violentamente física e sentimental. E não negavam o sentimento nem sentiam repulsa pelo que viviam; manifestavam apenas *medo* de, realizando fisicamente tal afeto, não conseguissem ser mais como eram: viris, puros; rapazes como outros quaisquer. Em outras palavras, ter experiências ou fantasias homoeróticas é, no imaginário daquela época e, infelizmente, até o de nossa época, a prova de que se é *homossexual*, no sentido substantivo, e tendo a *homossexualidade* como a essência de sua personalidade.

É preciso esclarecer melhor tal noção de *identidade homossexual*. Costa nos mostra que tal noção, a de homossexualidade, é uma criação do pensamento médico, filosófico, político jurídico e moral da virada do século XVIII para o XIX.<sup>7</sup> Nessa época pensadores de diversas áreas, mas em especial da biologia e psiquiatria começam a criar a sexualidade como um modo de entender o que até então era visto ou como prazer ou como pecado. Michel Foucault, na sua *História da sexualidade* mostra o percurso discursivo que transforma, ou melhor, cria o sexo como uma forma de controle social. Surge junto com a medicalização dos comportamentos e desejos sexuais, empurrando para a marginalidade todos que não estavam comprometidos com a reprodução da família patriarcal monogâmica: celibatários, invertidos, loucos, mulheres histéricas, masturbadores contumazes; tudo o que não servisse à perpetuação da família burguesa tornou-se assunto de polícia ou de internação. É nessa época que noções como *hetero* ou *homossexuais* são criadas, substituindo o vocabulário antigo de pederastas, sodomitas, invertidos, que possuíam implicações morais e religiosas, mas não médicas ou científicas. A partir daí, tais homens foram vistos como resultado de degeneração fisiológica e mental e, desse modo, eram um perigo à sociedade. Mais do que degenerados morais eram aberrações da natureza.

Assim, a divisão dos seres humanos em heterossexuais e homossexuais nada tem de natural. Muito menos a evidência de que definimos seres humanos a partir da genitália ou de práticas eróticas. Jurandir Freire Costa mostra vários exemplos de civilizações que se relacionam com o corpo de formas diferentes e que, não fazem sequer questão em dividir os seres humanos em homo ou heterossexuais:

---

<sup>7</sup> COSTA, Jurandir Freire. **A face e o verso**: estudos sobre o homoerotismo II. Op. cit.

Anteriormente a divisão sócio-moral de homens e mulheres apoiava-se em critérios que não dependiam de particularidade sexuais de uns e outros para servirem de bússola na orientação moral de condutas. (...) A bipartição da sexualidade foi, no entanto, desde o começo, proposta como uma forma de hierarquizar as desigualdades entre sujeitos que, na letra da lei deveriam ser iguais. O heterossexual e o homossexual foram figuras normativas encarregadas de distribuir poderes e deveres sociais e entre homens e mulheres de um lado, e entre bons e maus homens, de outro. (...) Nunca se tratou, como procurei mostrar, de classificar o sexo das pessoas como se classificam, por exemplo, seus pesos ou alturas. A sexualidade foi classificada em tipos e sub-tipos porque já havia sido moralmente repartida entre o que deve e o que não deve ser; entre o desejável e o condenável.<sup>8</sup>

Isso explica porque durante algum tempo, os movimentos pelos direitos civis, seguindo o modelo da luta feminista e dos direitos dos afro-americanos pensaram que podiam conquistar a igualdade de direito e consideração mantendo o vocabulário e as crenças que tal vocabulário justificam. Lutar pela igualdade de negros e brancos ainda é, na visão de Costa e com a qual nos alinhamos, acreditar que ainda é válido dividir os homens em *brancos* e *negros*. Tal divisão já nasce viciada pela ideia de que isso é um fato, o de que é ‘natural’ a diferença de cor de pele. O que tal naturalização esconde é o motivo que levou a dar atenção à tonalidade de pele: pedir igualdade baseado na cor da pele ainda é permanecer aprisionado nessa lógica. Obviamente não é apenas com um vocabulário novo que direitos se conquistam; mas o vocabulário carrega também crenças não assumidas, perspectivas que precisam ser mudadas. O mesmo vale para a luta pelos direitos LGBTs. Assumir que os seres humanos são hetero, homo, bi, trans, ou pode reafirmar que exista algo como uma ‘essência’ homossexual ou heterossexual. E isso acaba causando um dano à autocompreensão que as pessoas tem do caráter fluido do desejo e de suas relações nada óbvias com papel social, gênero e outras formas de identificação externa. Assumir o desejo homoerótico pode ser libertador, mas também pode gerar angústia naqueles que não se identificam com o ‘homossexual’ típico ou que não veem por que têm de escolher uma posição subjetiva definitiva em função de interesses eróticos que podem variar.

É bem verdade que atualmente já se veiculam tais ideias e as novas gerações são mais bem preparadas para enfrentar a plasticidade das fantasias, desejos e práticas sem se prenderem a rótulos. Ainda assim, o modo como as pessoas continuam a se referir uns aos outros como gays, hetero, bi, lésbicas ou trans, mostra que, se por um lado assumir

---

<sup>8</sup> Idem, *ibidem*, p. 290.

uma identidade reconhecível nessas categorias pode ajudar a conquista de direitos civis, por outro lado, não resolve o fato de que o desejo está para além dessas categorias e que, no caso dos personagens do conto aqui comentado, a paixão, amor ou desejo que sentiam um pelo outro não deveria ser a prova incontestada de que eram homossexuais ou bissexuais (no caso do narrador). E se o afeto de amizade (que desembocou momentaneamente em desejo ou paixão, despertados pela ocasião de serem jovens, atraídos pela beleza ou ousadia um do outro) fosse na idade adulta substituído por outros tipos de relação ou mesmo convivendo com isso.

Sem dúvida, o peso das opiniões gerais sobre o relacionamento entre rapazes, mesmo que fosse ocasional, era imenso; além de ser execrado socialmente. No entanto, a crença difundida desde o final do século XVIII de que nossa subjetividade e identidade derivam fundamentalmente das práticas sexuais só tornou tal pressão e preconceito piores. Sem ela, talvez as pessoas permitissem sentir e experimentar mais formas de afeto e desejo, sem que com isso, tivessem de atravessar de uma vez por todas a fronteira que separa homo ou heteroerotismo. Falar em identidades baseadas em preferências eróticas pode ter um sentido pragmático e político evidente, de trazer visibilidade para um assunto importante na vida de homens e mulheres: o direito a autonomia no campo da determinação erótico-afetiva. E cremos sinceramente que a luta por direitos civis trouxe inclusive um debate sobre formas de mudar o sentido pejorativo de expressões como *gay*, *queer* entre outras e também funcionou e funciona no campo da afirmação de um grupo de pessoas cujo desejo e imagem não estão em consonância completa com os papéis sociais da família burguesa.

Só não podemos nos esquecer de que o alcance de tal abordagem é limitado e perigoso, pois pode enfatizar ainda mais a ideia segundo a qual é realmente fundamental dividirmos os seres humanos a partir de suas preferências eróticas; como se tal divisão não fosse ela mesma fruto de um modo de enxergar o campo do afeto e do erotismo como já colonizado por um discurso normativo ou normalizador. Se queremos mais liberdade e justiça também precisamos lutar também em outras frentes, na defesa de não sermos classificados a partir de nossas práticas eróticas, ou melhor, que nossas práticas eróticas não seja o mais interessante a ser levado em conta quando se trata de obter respeito, consideração e igualdade de tratamento. Acredito que ninguém faria questão da identidade ‘negra’ ou ‘índia’ e mesmo as mulheres só veem o feminismo como necessário porque direitos básicos lhes são negados. É melhor ser tratado com justiça. É ponto final. Sem termos de sempre trazer à tona o que teríamos de ‘diferente’, pois sabemos que o



argumento da diferença também é usado por quem se recusa a tratar com equanimidade e respeito as pessoas que são ‘diferentes’.

Se sairmos da arena pública, na qual se conquistam direitos, veremos que a noção de identidade homossexual, pelo modo como foi criada pelo discurso médico, mais atrapalha do que ajuda um adolescente como os personagens do conto. Afinal, ser viril e homossexual não parecia uma opção, uma vez que as brigas pela honra lhes permitiram manter seu lugar de ‘homem’. Evidentemente, que a liberdade para ser mais ou menos delicado, suave ou detestar lutar, deveria ser uma possibilidade para todo garoto. Ninguém discute isso. Ocorre que, se Juca, o narrador, e Frederico pudessem encontrar um espaço para sentirem desejo um pelo outro sem ter de abdicar do respeito dos outros e sem ter de assumir o que se esperava de um homossexual, com todos os seus clichês, quem sabe pudessem ter vivido algo mais autêntico.

### **“Nós nos amávamos sobre cadáveres”**

O fato é que, nessa época em que ficaram um tanto afastados, pouco depois de formados, morre o pai de Frederico. Então, todo o ardor e contato retornaram, Juca devotando ao amigo todo o tempo. O pai era fora indiferentemente bom para Frederico, o que leva o narrador a imaginar se o sofrimento do amigo também era uma espécie de decepção (não diz com o quê ou com quem). Todo o cuidadoso afeto e companhia logo se transmutaram, reacendido pelo contato visual. Certo dia, Frederico estava deitado na cama, falava sobre os planos de ir para o Rio de Janeiro estudar medicina; Juca sentado à cabeceira encarava o amigo:

Com os lábios se movendo rubros naquele ondular de fala propositalmente fatigada. Eu olho só. Frederico Paciência percebeu. Percebi o mutismo dele, entendi por que era, mas não podia, custei a retirar os olhos daquela boca tão linda. E quando os nossos olhos se encontraram, quase assustei porque Frederico Paciência me olhava, também como eu estava, com olhos de desespero, inteiramente confessado. Foi um segundo trágico, de tão exclusivamente infeliz. Mas a imagem do morto se interpõe com uma presença enorme, recente por demais, dominadora. Talvez nós não pudéssemos naquele instante vencer a fatalidade em que já estávamos, o morto é que venceu. (p. 111)

Só que o morto não venceu tão completamente: durante os dois meses seguintes, em que Frederico preparava sua ida definitiva para o Rio, e por isso mesmo, porque não se veriam mais, os dois passaram a ter uma intimidade física maior, passavam muito tempo abraçados, deitados num sofá levado para o quarto. O narrador fala em ‘impaciência de carícias’, de ‘transportes’ (êxtases sentimentais); a iminência da partida dava-lhes um salvo-conduto para aquela intimidade. Curiosamente, as últimas semanas ‘foram dias de noivado para nós, que de carícias!’ (p. 111) Isso não impediu Juca de reafirmar a pureza da sua amizade, o que nos leva a pensar que as carícias não passaram de beijos e abraços no sofá. Não falaram na troca de olhares, quando o morto os salvara (de acordo com o narrador) e então podiam manter a ideia de uma amizade ‘tão desarrazoada e tão pura’ por três anos. É interessante perceber a duplicidade de tal afirmação: afinal, se era tão pura, porque decidiram ficar só no quarto, para “não mostrar a um público sem nuances, a impaciência de nossas carícias” (p. 111). Mas é o público que não percebe a diferença entre amigos ou amantes abraçados se beijando, colados, de cabeças unidas durante horas, ou são os próprios personagens que sabem o quanto já ultrapassaram a linha de uma amizade sublimada? Essa amizade já deixara de ser simples há tempos.

Assim, é muito tocante ver o quanto o narrador fala, num mesmo parágrafo de um morto que os salvara de consumarem o ato sexual, e logo em seguida, cita a pureza, florada e lodo de sua relação: “Positivamente não valia a pena sacrificar perfeição tamanha e varrer a florada que cobria o lodo (e seria o lodo mais necessário, mais “real” que a florada?) numa aventura insolúvel.” (p. 111) Nessa amizade, é óbvio que o *lodo* era o desejo sexual, a atração física, a aventura homoerótica. Mas se o lodo não é mais real que a florada, por que esta deveria ser mais real que o lodo? Nesse ponto compreendemos também que o impasse a que tinha chegado aquela relação devia-se também ao idealismo envolvido na concepção de amor e desejo alimentado pelos dois.

O fato de o narrador considerar a amizade –ainda que com beijos, abraços e carícias que não seriam vistas como pura por outrem – como superior à consumação física, chamada ‘aventura insolúvel’. Será a crença entre a incompatibilidade do amor e da amizade um fato natural, ou apenas mais uma criação de nossa civilização ocidental? Costa nos dá um panorama muito interessante da criação do amor romântico, que passa pelo idealismo platônico do Banquete, já citado nesse nosso artigo, atravessa a Idade Média com Santo Agostinho demonizando a carne (e a concupiscência) como irremediavelmente perdida, depois, com os poetas provençais que criam a poesia trovadoresca, onde o amor pela Dama, idealizada e impossível, dever ser provado com

abnegação, paciência e muito devoção.<sup>9</sup> Para então chegarmos ao século XIX, quando o Romantismo amalgamou num só conjunto as crenças sobre o amor romântico, que até hoje obedecemos cegamente: a crença de que só se ama de verdade uma pessoa por vez; de que quem ama, tem ciúmes; a de que quem ama sofre; o de que amor verdadeiro vence todas as diferenças sociais, étnicas e éticas, etc. O amor romântico coloca o sujeito moderno numa encruzilhada: é um mito criado de dilemas, isto é, de exigências que a maioria das pessoas não está apta a realizar. Se se realiza, cai na rotina e morre todo o encanto; se não se realiza, mantém a chama do desejo e da fantasia, mas carrega o amante para um inferno de dor:

Esta imagem do amor, típica do romantismo, nos é totalmente familiar. Ela domina o imaginário no qual o amor erótico é o signo do supremo Bem. Entretanto, apesar do enorme prestígio cultural, o amor deixou de ser um puro momento de encanto para se tornar uma corveia. Quando é bom, não dura e quando dura já não entusiasma.(...) Na prática muitos começam a se convencer de que “ amar é sofrer” e quem não quiser sofrer deve desistir de amar. Realizar o amor sonhado tornou-se um desafio ou uma massacrante obsessão. Cada dia mais, os deserdados da paixão buscam a cura para seus males.<sup>10</sup>

No entanto, ainda de acordo com COSTA:

O amor é uma crença emocional e, como toda crença, pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. O amor foi inventado como o fogo, a roda, o casamento, a medicina o fabrico do pão, a arte erótica chinesa, o computador, o cuidado com o próximo, as heresias, a democracia, o nazismo, os deuses e as diversas imagens do universo.<sup>11</sup>

O que isso teria a ver com o caso de dois adolescentes no começo do século? Na verdade, ainda hoje as formas de amar não se libertaram dos dilemas que nos mantém presos a certas ideias de como deve ser o amor. No caso de Frederico e Juca, a ideia que

---

<sup>9</sup> COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor estudos sobre o amor romântico**. Op. cit.

<sup>10</sup> Idem, *ibidem*, p. 11-12.

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*, p. 112.

os torna infelizes é o fato de, além de todo o preconceito que a relação homoerótica sofre à época, os dois ainda acreditam na ‘escada do amor’ platônica, na qual o amor ao Belo e ao Bem, é superior ao amor erótico, por uma pessoa particular, que também é inferior à *philia*, a amizade; o fato de crerem que vale apenas o amor pelas qualidades morais que o amigo possui, mais do que uma atração pela sua beleza física. Mais do que estar na base desta pirâmide afetiva, o amor erótico entre eles é visto como uma aventura insolúvel devido à crença segundo a qual a amizade e a atração física são incompatíveis, não apenas diferentes: ou se é amante, ou se é amigo. E a ‘pureza’ da amizade pode ser perturbada pelo sexo, como se ainda repetíssemos Santo Agostinho condenando a ‘concupiscência da carne’. Os modelos de amor ocidentais, tidos e havidos como os mais puros, são desinvestidos de erotismo: amor a Deus, aos pais, à Pátria (esse já um pouco fora de moda). Então, o dilema em que se encontram os dois rapazes, é historicamente determinado, logo, poderia ser superado se as crenças que o fundamenta forem questionadas.

Frederico e Juca não levaram adiante a amizade –nem a paixão. Logo, Frederico foi para o Rio e, apesar de promessas e cartas afirmando a intenção de nunca se esquecerem, a amizade esfria. Até que um outro morto abre caminho a uma aproximação: a mãe de Frederico morre, de tristeza pela perda do marido, que lhe minou forças e saúde. Juca fica em êxtase:

É indizível o alvoroço em que estourei, foi um deslumbramento, explodiu em mim uma esperança fantástica, fiquei tão atordoado que saí andando solto pela rua. Não podia pensar: a realidade estava ali. A Mãe de Rico, que me importava a Mãe de Frederico Paciência! E o que é mais terrível de imaginar: mas nem a ele o sofrimento inegável lhe importava: a morte lhe impusera o desejo de mim. Nós nos amávamos sobre cadáveres. Eu bem percebia que era horrível. Mas por isso mesmo que era horrível, pra ele mais forte que eu, isso era decisório. E eu me gritava por dentro, com o mais deslavado dos cinismo conscientes, fingindo e sabendo que fingia: Rico está me chamando, eu vou. Eu vou. Eu preciso ir. Eu vou.

Desta vez o cadáver não seria empecilho, seria ajuda, o que nos salvou foi a distância. Não havia jeito de eu ir ao Rio. (p. 113)

Sem pai nem mãe para atrapalhar, por que o narrador não foi? Dinheiro, ele podia pedir ao amigo, que era herdeiro único de comerciante rico. Faltou mesmo foi coragem. Então é isso: sem coragem não se ama. Porque não temos garantias. Ninguém tem, da sinceridade, força e permanência do amor do outro. Da pureza ou interesses envolvidos

nele. Porque, independentemente de o afeto ser ou não permitido ou louvado socialmente, sempre há brechas no muro social. A coragem está em dar um passo em que o amor próprio, o orgulho, o narcisismo não vença. Juca, mesmo sendo filho-família, não tendo dinheiro à época, poderia ainda ter ido mais tarde. Mas ficou feliz com as recusas da família diante de seu falso desespero. A distância não salvou os dois –nem os condenou, porque não sabemos se foram felizes depois e como. A distância só mostrou o tamanho da covardia de Juca: apesar do apelo do amigo, não queria ir mesmo, teve medo. Então deixou de viver plenamente algo tão raro quanto uma paixão correspondida –física e emocionalmente. Não é o fim do mundo, bem sabemos. Poderiam amar de novo, outras pessoas, e Juca, até mesmo poderia amar mulheres. Mas sempre fica a sensação de empobrecimento, de vida desperdiçada, de futilidade dos motivos diante de um dos momentos mais felizes que um ser humano pode viver: a plenitude, ainda que imperfeita e fugaz de um sentimento compartilhado. Culpar a sociedade e o dinheiro curto é um recurso que qualquer pode usar para esconder fraqueza moral. No caso de Juca, até os mortos ajudaram.

## O amor pode esperar?

No fim, quando nos diz que Frederico não respondeu ao telegrama em que dizia não poder ir e dava os pêsames, o narrador nos explica o sobrenome do colega:

Me lembro que uma feita, diante da irritação enorme dele comentando uma pequena que o abraçara num baile, sem a menor intenção de trocadilho, só pra falar alguma coisa, eu soltara:

-Paciência, Rico.

-Paciência me chamo eu. (p. 114)

O narrador só nos conta isso no fim, mostrando que Frederico estava cansado de esperar pela sua coragem, que não queria abraço nenhum de pequena, mas dele. Então, é isso que nos permite pensar no desperdício que foi pra Juca não ter levado adiante seu afeto. E deve ser por isso comenta o fato de só no fim nos explicar o porquê do sobrenome:

Desde o princípio que estou com ele pra contar, mas não achei canto adequado. Então pus aqui, porque, não sei... essa confusão com a palavra “paciência” sempre me doeu mal-estavelmente. Me queima feito uma caçoadá, uma alegoria, uma assombração insatisfeita. (p. 114)

Note-se bem: não *doeu*, mas ainda *dói* a lembrança do outro, o fato de Frederico mostrar que estava cansado de ser só “Paciência”, isso ainda ‘queima’ (veja, o narrador, depois de muitos anos, ainda lamenta o fato) e principalmente, aquilo causa mal-estar (como nos diz o neologismo mal-estavelmente) e é uma ‘assombração insatisfeita’. Por tudo isso e por conta de um arrependimento mal confessado de ter desperdiçado o afeto do outro, sem dúvida em função do preconceito social e internalizado, mas principalmente, por sua fraqueza moral, o narrador lamenta nas entrelinhas ter sido tão pusilânime. Como diria o psicanalista Jacques Lacan: “o sujeito só é culpado de abrir mão de seu desejo”. E o aprendizado que retiramos disso tudo é que as regras do amor estão aí para serem reescritas, não são tábuas da Lei. Puro *ou* impuro ou puro *e* impuro? Amor *ou* amizade ou amor *e* amizade? Cabe só a nós lutar pelo direito de reinventar continuamente nosso desejo.